

DOMINGO V DA QUARESMA

CIC 992-996: a revelação progressiva da Ressurreição

- 992** A ressurreição dos mortos foi revelada progressivamente por Deus ao seu povo. A esperança na ressurreição corporal dos mortos impôs-se como consequência intrínseca da fé num Deus criador do homem todo, alma e corpo. O Criador do céu e da terra é também Aquele que mantém fielmente a sua aliança com Abraão e a sua descendência. É nesta dupla perspectiva que começará a exprimir-se a fé na ressurreição. Nas suas provações, os mártires Macabeus confessam:
- «O Rei do universo ressuscitar-nos-á para uma vida eterna, a nós que morremos pelas suas leis» (2 *Mac* 7, 9). «É preferível morrerem às mãos dos homens e termos a esperança em Deus de que havemos de ser ressuscitados por Ele» (2 *Mac* 7, 14)¹.
- 993** Os fariseus² e muitos contemporâneos do Senhor³ esperavam a ressurreição. Jesus ensina-a firmemente. E aos saduceus, que a negavam, responde: «Não andareis vós enganados, ignorando as Escrituras e o poder de Deus?» (*Mt* 12, 24). A fé na ressurreição assenta na fé em Deus, que «não é um Deus de mortos, mas de vivos» (*Mt* 12, 27).
- 994** Mas há mais: Jesus liga a fé na ressurreição à sua própria pessoa: «Eu sou a Ressurreição e a Vida» (*Jo* 11, 25). É o próprio Jesus que, no último dia, há-de ressuscitar os que n'Ele tiverem acreditado⁴, comido o seu Corpo e bebido o seu Sangue⁵. Desde logo, Ele dá um sinal disto mesmo, e uma garantia, restituindo a vida a alguns mortos⁶ e preanunciando assim a sua própria ressurreição que, no entanto, será de ordem diferente. Jesus fala deste acontecimento único como do «sinal de Jonas»⁷, do sinal do templo⁸; Ele anuncia a sua ressurreição ao terceiro dia depois da morte⁹.
- 995** Ser testemunha de Cristo é ser «testemunha da sua ressurreição» (*Act* 1, 22)¹⁰, é «ter comido e bebido com Ele depois da sua ressurreição dos mortos» (*Act* 10, 41). A esperança cristã na ressurreição é toda marcada pelos encontros com Cristo ressuscitado. Nós ressuscitaremos como Ele, com Ele e por Ele.
- 996** Desde o princípio que a fé cristã na ressurreição se deparou com incompreensões e oposições¹¹. «Não há ponto em que a fé cristã encontre mais contradição do

¹ Cf. 2 *Mac* 7, 29; *Dn* 12, 1-13.

² Cf. *Act* 23, 6.

³ Cf. *Jo* 11, 24.

⁴ Cf. *Jo* 5, 24-25; 6, 40.

⁵ Cf. *Jo* 6, 54.

⁶ Cf. *Mt* 5, 21-43; *Lc* 7, 11-17; *Jo* 11.

⁷ Cf. *Mt* 12, 39.

⁸ Cf. *Jo* 2, 19-22.

⁹ Cf. *Mt* 10, 34.

¹⁰ Cf. *Act* 4, 33.

¹¹ Cf. *Act* 17, 32; *I Cor* 15, 12-13.

que o da ressurreição da carne»¹². É bastante comum a aceitação de que, depois da morte, a vida da pessoa humana continua de modo espiritual. Mas como acreditar que este corpo, tão manifestamente mortal, possa ressuscitar para a vida eterna?

CIC 549, 640, 646: os sinais messiânicos que prefiguram a Ressurreição de Cristo

- 549** Ao libertar certos homens dos males terrenos – da fome¹³, da injustiça¹⁴, da doença e da morte¹⁵ – Jesus realizou sinais messiânicos; no entanto, Ele não veio para abolir todos os males deste mundo¹⁶, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões, a do pecado¹⁷, que os impede de realizar a sua vocação de filhos de Deus e é causa de todas as servidões humanas.
- 640** «Por que motivo procurais entre os mortos Aquele que está vivo? Não está aqui, ressuscitou» (*Lc 24, 5-6*). No quadro dos acontecimentos da Páscoa, o primeiro elemento que se nos oferece é o sepulcro vazio. Isso não é, em si, uma prova directa. A ausência do corpo de Cristo do sepulcro poderia explicar-se doutro modo¹⁸. Apesar disso, o sepulcro vazio constitui, para todos, um sinal essencial. A descoberta do facto pelos discípulos foi o primeiro passo para o reconhecimento do facto da ressurreição. Foi, primeiro, o caso das santas mulheres¹⁹, depois o de Pedro²⁰. «O discípulo que Jesus amava» (*Jo 20, 2*) afirma que, ao entrar no sepulcro vazio e ao descobrir «os lençóis no chão» (*Jo 20, 6*), «viu e acreditou»²¹; o que supõe que ele terá verificado, pelo estado em que ficou o sepulcro vazio²², que a ausência do corpo de Jesus não podia ter sido obra humana e que Jesus não tinha simplesmente regressado a uma vida terrena, como fora o caso de Lázaro²³.
- 646** A ressurreição de Cristo não foi um regresso à vida terrena, como no caso das ressurreições que Ele tinha realizado antes da Páscoa: a filha de Jairo, o jovem de Naim e Lázaro. Esses factos eram acontecimentos milagrosos, mas as pessoas miraculadas reencontravam, pelo poder de Jesus, uma vida terrena «normal»; em dado momento, voltariam a morrer. A ressurreição de Cristo é essencialmente diferente. No seu corpo ressuscitado, Ele passa do estado de morte a uma outra vida, para além do tempo e do espaço. O corpo de Cristo é, na ressurreição, cheio do poder do Espírito Santo; participa da vida divina no estado da sua glória, de tal modo que São Paulo pode dizer de Cristo que Ele é o «homem celeste»²⁴.

¹² SANTO AGOSTINHO, *Enarratio in Psalmum 88*, 2, 5: CCL 39, 1237 (PL 37, 1134).

¹³ Cf. *Jo 6, 5-15*.

¹⁴ Cf. *Lc 19, 8*.

¹⁵ Cf. *Mt 11, 5*.

¹⁶ Cf. *Lc 12, 13-14*; *Jo 18, 36*.

¹⁷ Cf. *Jo 8, 34-36*.

¹⁸ Cf. *Jo 20, 13*; *Mt 28, 11-15*.

¹⁹ Cf. *Lc 24, 3.22-23*.

²⁰ Cf. *Lc 24, 12*.

²¹ Cf. *Jo 20, 8*.

²² Cf. *Jo 20, 5-7*.

²³ Cf. *Jo 11, 44*.

²⁴ Cf. *1 Cor 15, 35-50*.

CIC 2603-2604: a oração de Jesus antes da ressurreição de Lázaro

2603 Os evangelistas retiveram duas orações mais explícitas de Cristo durante o seu ministério. E ambas começam por uma acção de graças. Na primeira²⁵, Jesus louva o Pai, reconhece-O e bendi-Lo por ter escondido os mistérios do Reino aos que se julgavam sábios e os ter revelado aos «pequeninos» (os pobres das bem-aventuranças). O seu estremecimento – «Sim Pai!» – revela o íntimo do seu coração, a sua adesão ao «beneplácito» do Pai, como um eco do «*Fiat*» da sua Mãe aquando da sua concepção e como prelúdio do que Ele próprio dirá ao Pai na sua agonia. Toda a oração de Jesus está nesta adesão amorosa do seu coração de homem ao «mistério da vontade» do Pai²⁶.

2604 A segunda oração é referida por São João²⁷, antes da ressurreição de Lázaro. A acção de graças precede o acontecimento: «Pai, Eu Te dou graças por Me teres escutado», o que implica que o Pai atende sempre o que Lhe pede; e Jesus acrescenta logo: «Eu bem sabia que Tu Me atendes sempre», o que implica, por seu turno, que Jesus *pede* constantemente. Assim, apoiada na acção de graças, a oração de Jesus revela-nos como devemos pedir: *Antes* de Lhe ser dado o que pede, Jesus adere Àquele que dá e Se dá nos seus dons. O Doador é mais precioso do que dom concedido, é o «tesouro», e é n'Ele que está o coração do Filho; o dom é dado «por acréscimo»²⁸.

A oração «sacerdotal» de Jesus²⁹ ocupa um lugar único na economia da salvação. Será meditada no final da Primeira Secção. Ela revela, de facto, a oração sempre actual do nosso Sumo-Sacerdote e, ao mesmo tempo, contém tudo quanto Ele nos ensina na nossa oração ao Pai, que será explicada na Segunda Secção.

CIC 1002-1004: a nossa actual experiência de ressurreição

1002 Se é verdade que Cristo nos há-de ressuscitar «no último dia», também é verdade que, de certo modo, nós já ressuscitámos com Cristo. De facto, graças ao Espírito Santo, a vida cristã é desde já, na terra, uma participação na morte e ressurreição de Cristo:

«Pelo Baptismo fostes sepultados com Cristo e também ressuscitastes com Ele, devido à fé que tivestes na força de Deus, que O ressuscitou dos mortos [...]. Uma vez que ressuscitastes com Cristo, aspirai às coisas do Alto, onde Cristo Se encontra sentado à direita de Deus» (Cl 2, 12; 3, 1).

1003 Unidos a Cristo pelo Baptismo, os crentes participam já realmente na vida celeste de Cristo ressuscitado³⁰. Mas esta vida continua «escondida com Cristo em Deus» (Cl 3, 3). «Com Ele nos ressuscitou e nos fez sentar nos céus, em Cristo Jesus» (Ef 2, 6). Alimentados pelo seu Corpo na Eucaristia, nós pertencemos já

²⁵ Cf. Mt 11, 25-27 e Lc 10, 21-22.

²⁶ Cf. Ef 1, 9.

²⁷ Cf. Jo 11, 41-42.

²⁸ Cf. Mt 6, 21.33.

²⁹ Cf. Jo 17.

³⁰ Cf. Fl 3, 20.

ao Corpo de Cristo. Quando ressuscitarmos no último dia, havemos também de nos «manifestar com Ele na glória» (Cl 3, 4).

1004 À espera desse dia, o corpo e a alma do crente participam já na dignidade de ser «em Cristo». Daí a exigência do respeito para com o próprio corpo e também para com o corpo de outrem, particularmente quando sofre:

«O corpo [...] é para o Senhor. E o Senhor é para o corpo. E Deus, que ressuscitou o Senhor, também nos há-de ressuscitar a nós pelo seu poder. Não sabeis que os vossos corpos são membros de Cristo? [...] Não sabeis que não pertenceis a vós próprios? [...]. Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo» (1 Cor 6, 13-15. 19-20).

CIC 1402-1405, 1524: a Eucaristia e a Ressurreição

1402 Numa antiga oração, a Igreja aclama assim o mistério da Eucaristia: «*O sacrum convivium in quo Christus sumitur: recolitur memoria passionis eius, mens impletur gratia et futurae gloriae nobis pignus datur* – Ó sagrado banquete, em que se recebe Cristo e se comemora a sua paixão, em que a alma se enche de graça e nos é dado o penhor da futura glória»³¹. Se a Eucaristia é o memorial da Páscoa do Senhor, se pela nossa comunhão no altar somos cumulados da «plenitude das bênçãos e graças do céu»³², a Eucaristia é também a antecipação da glória celeste.

1403 Na última ceia, o próprio Senhor chamou a atenção dos seus discípulos para a consumação da Páscoa no Reino de Deus: «Eu vos digo que não voltarei a beber deste fruto da videira, até ao dia em que beberei convosco o vinho novo no Reino do meu Pai» (Mt 26, 29)³³. Sempre que a Igreja celebra a Eucaristia, lembra-se desta promessa, e o seu olhar volta-se para «Aquele que vem» (Ap 1, 4). Na sua oração, ela clama pela sua vinda: «*Marana tha*» (1 Cor 16, 22), «Vem, Senhor Jesus!» (Ap 22, 20), «que a Tua graça venha e que este mundo passe!»³⁴.

1404 A Igreja sabe que, desde já, o Senhor vem na sua Eucaristia e que está ali, no meio de nós. Mas esta presença é velada. E é por isso que nós celebramos a Eucaristia «*expectantes beatam spem et adventum Salvatoris nostri Jesu Christi* – enquanto aguardamos a feliz esperança e a vinda de Jesus Cristo nosso Salvador»³⁵, pedindo a graça de ser acolhidos «com bondade no vosso Reino, onde também nós esperamos ser recebidos, para vivermos ... eternamente na vossa glória, quando enxugardes todas as lágrimas dos nossos olhos; e, vendo-Vos tal como sois, Senhor nosso Deus, seremos para sempre semelhantes a Vós e cantaremos sem fim os vossos louvores, por Jesus Cristo nosso Senhor»³⁶.

³¹ *Na solenidade do santíssimo corpo e sangue de Cristo*, Antífona do «Magnificat» das Vésperas II: *Liturgia Horarum*, editio typica, v. 3 (Typis Polyglottis Vaticanis 1973) p. 502 [*Liturgia das Horas*, v. 3 (Gráfica de Coimbra 1983) p. 621].

³² *Oração Eucarística I ou Cânone Romano*, 96: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.453 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 521].

³³ Cf. *Lc* 22, 18; *Mc* 14, 25.

³⁴ *Didaké* 10, 6: SC 248, 180 (FUNK, *Patres apostolici* 1, 24).

³⁵ *Rito da Comunhão*, 126 [Embolismo depois do Pai Nosso]: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p.472 [a tradução oficial portuguesa difere um pouco: «enquanto esperamos a vinda gloriosa de Jesus Cristo nosso Salvador»: *Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 545]; cf. *Tt* 2, 13.

³⁶ *Oração Eucarística III*, 116: *Missale Romanum*, editio typica (Typis Polyglottis Vaticanis 1970), p. 465 [*Missal Romano*, Gráfica de Coimbra 1992, 543].

1405 Desta grande esperança – dos novos céus e da nova terra, onde habitará a justiça³⁷ – não temos garantia mais segura nem sinal mais manifesto do que a Eucaristia. Com efeito, cada vez que se celebra este mistério, «realiza-se a obra da nossa redenção»³⁸ e nós «partimos o mesmo pão, que é remédio de imortalidade, antídoto para não morrer, mas viver em Jesus Cristo para sempre»³⁹.

1524 Àqueles que vão deixar esta vida, a Igreja oferece-lhes, além da Unção dos Enfermos, a Eucaristia como viático. Recebida neste momento de passagem para o Pai, a comunhão do corpo e sangue de Cristo tem um significado e uma importância particulares. É semente de vida eterna e força de ressurreição, segundo as palavras do Senhor: «Quem come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna; e Eu ressuscitá-lo-ei no último dia» (*Jo* 6, 54). Sacramento de Cristo morto e ressuscitado, a Eucaristia é aqui sacramento da passagem da morte para a vida, deste mundo para o Pai⁴⁰.

CIC 989-990: a ressurreição da carne

989 Nós cremos e esperamos firmemente que, tal como Cristo ressuscitou verdadeiramente dos mortos e vive para sempre, assim também os justos, depois da morte, viverão para sempre com Cristo ressuscitado, e que Ele os ressuscitará no último dia⁴¹. Tal como a d'Ele, também a nossa ressurreição será obra da Santíssima Trindade:

«Se o Espírito d'Aquele que ressuscitou Jesus de entre os mortos habita em vós, Ele, que ressuscitou Cristo Jesus de entre os mortos, também dará vida aos vossos corpos mortais, pelo seu Espírito que habita em vós» (*Rm* 8, 11)⁴².

990 A palavra «carne» designa o homem na sua condição de fraqueza e mortalidade⁴³. «Ressurreição da carne» significa que, depois da morte, não haverá somente a vida da alma imortal, mas também os nossos «corpos mortais» (*Rm* 8, 11) retomarão a vida.

³⁷ Cf. *2 Pe* 3, 13.

³⁸ II CONCÍLIO DO VATICANO, Const. dogm. *Lumen Gentium*, 3: AAS 57 (1965) 6.

³⁹ SANTO INÁCIO DE ANTIOQUIA, *Epistula ad Ephesios*, 20, 2: SC 10bis, 76 (FUNK 1, 230).

⁴⁰ Cf. *Jo* 13, 1.

⁴¹ Cf. *Jo* 6, 39-40.

⁴² Cf. *1 Ts* 4, 14; *1 Cor* 6, 14; *2 Cor* 4, 14; *Fl* 3, 10-11.

⁴³ Cf. *Gn* 6, 3; *Sl* 56, 5; *Is* 40, 6.